



## O ARQUÉTIPO DA MULHER SELVAGEM NA POESIA DE MARLI WALKER THE ARCHETYPE OF THE WILD WOMAN IN MARLI WALKER'S POETRY

Andressa Evellyn de Freitas Haddad.<sup>1</sup>

Rosana Silva<sup>2</sup>

Recebido em: 24/02/2023

Aceito em: 20/06/2023

DOI: 10.26512/aguaviva.v8i3

**RESUMO:** Neste artigo, analisamos o arquétipo feminino na obra poética *Jardim de ossos* (2020), da autora Marli Walker, com base nos estudos da psicóloga junguiana, Clarissa Pinkola Estés, que nos contos da obra *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* (2018), desenvolve narrativas acerca da natureza selvagem feminina que determina a força contida dentro de cada mulher. A autora Marli Walker cria imagens poéticas que dão vazão à mulher guerreira, trazendo à tona o despertar da loba adormecida. Seus versos formam um jardim de poesia, marcado pelo desabafo, pelo estranhamento de si mesma e o seu reconhecimento libertador, figurados poeticamente em imagens da ancestralidade, de ossos e flores.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia; arquétipo; Mulher Selvagem; autoria feminina.

**ABSTRACT:** In this article, we analyze the feminine archetype in the poetic work *Jardim de ossos* (2020), by the author Marli Walker, based on the studies of the Jungian psychologist, Clarissa Pinkola Estés, who in the tales of the work *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* (2018), develops narratives about the wild female nature that determines the strength contained within each woman. The author Marli Walker creates poetic images that give vent to the warrior woman, bringing to light the awakening of the sleeping wolf. Her verses form a garden of poetry, marked by outburst, self-estrangement and her liberating recognition, poetically figured in images of ancestry, bones and flowers.

**KEYWORDS:** poetry; archetype; Wild Woman; female authorship.

### INTRODUÇÃO

A lírica contemporânea de autoria feminina produzida em Mato Grosso, em consonância com o contexto nacional, revela marcadamente vozes femininas, plenas de questionamentos e

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade do Estado de Mato Grosso. Bolsista CAPES. E-mail: andressa.freitas@unemat.br

<sup>2</sup> Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras - Universidade Estadual Paulista. Grupo de Pesquisa GECOLIT. E-mail: rosana.silva@unemat.br



de reflexões acerca da experiência da mulher, seus obstáculos, medos e desafios na atualidade. Autoras como Lucinda Persona, Luciene Carvalho, Marilza Ribeiro, Marta Cocco e Marli Walker compõem o quadro das poéticas engajadas na emancipação do discurso feminino, ressoando, tanto na poesia quanto na prosa, a memória de uma identidade feminina, formada por gerações e reiterada na voz atual do ser mulher que se apresenta nos poemas.

Autora dos livros de poesia, *Pó de serra* (2006/2017), *Águas de encantação* (2009), *Apesar do amor* (2016), *Jardim de ossos* (2020) e do romance *Coração Madeira* (2020), Marli Walker é doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (2013), professora e escritora mato-grossense. Sua linha de pesquisa e publicações são nas áreas de literatura produzida por mulheres em Mato Grosso, Literatura e Gênero com ênfase na autoria feminina, como também ensino de literatura.

Em seu trabalho elegeu temas que investigam o papel da mulher no contexto social e literário, tanto na poesia, como também nas pesquisas acadêmicas. Sua pesquisa de mestrado resultou no livro, *Inferno e paraíso na poética de Adriane Rocha* (2009), em que analisa a imagem nos poemas da autora sem terra. Em *Mulheres silenciadas e vozes esquecida: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso* (2021), a autora revela que produção literária feminina sofreu censuras explícitas no período romântico, permanecendo à margem, ignorada pela academia e centros universitários.

A pesquisa de Marli Walker questiona a desigualdade entre homens e mulheres, denunciando que elas constituíam um grupo silenciado, marginalizado e limitado pelas convenções literárias ideológicas.

A partir da segunda metade do século XX, as mulheres despontaram mais significativamente na literatura e na arte. Segundo as pesquisas de Walker, em Mato Grosso, nos últimos três séculos, as maiores recorrências na poesia de autoria feminina são:

a ilusão, a mágoa, a dor, a saudade, a noite, o sonho, o mistério, o vulto, a angústia, a morte, a alma, a sombra, os pássaros, as asas, o voo, o silêncio, o segredo, a ausência, a distância e o vazio” (WALKER, 2021, p. 248).

Já nas últimas décadas, ganharam destaque também imagens voltadas para o corpo, representando o prazer carnal e o amor sensual. Além disso, também é frequente discursos que denunciam insatisfação com o silenciamento e apagamento feminino. A escrita feminina contribui “para dar voz à experiência das mulheres e ao inconsciente feminino” (WALKER, 2021, p. 58), um espaço que é acessível apenas pela letra, pois ela “realiza algo que o significante não consegue fazer” (BASSOLS, 2016, p. 4).



A voz do inconsciente, de acordo com a psicóloga junguiana, poeta, pesquisadora e escritora, Clarissa Estés, é despertada nas histórias de autoria feminina que se voltam às complexidades da vida. Contudo, muitos dos contos que imagens arquetípicas das mulheres foram perdidos em uma tentativa de expurgação e conversão religiosa e patriarcal. Os mitos e contos de fada que contivessem instruções sobre os elementos sexuais, o amor, o feminino, os indícios pré-religiosos, as ligações com as deusas, o parto e a morte, dentre outros temas, passavam por um processo de “purificação” (ESTÉS, 2018).

Diante disso, Clarissa Estés considera fácil compreender os ossos que estão faltando no esqueleto de uma história, pois o número de mudanças e desenvolvimentos da psique são maiores quando as histórias estão completas. Estés compara o ofício de coletar e examinar histórias com o trabalho paleontológico, pois “quanto maior o número de ossos do esqueleto de histórias que tivermos, maior a probabilidade de descoberta da história inteira” (ESTÉS, 2018, p. 29-31).

Desde a infância, a psicanalista teve contato com muitas histórias, lendas, e mitos de diversos povos por meio da tradição oral. Por isso, durante sua formação em psicologia analítica e arquetípica, Estés estudou a simbologia dos arquétipos, a mitologia universal, a etnologia, as religiões e a interpretação dos contos de fadas. Seu livro, *Mulheres que correm com os lobos, mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, tem como base a pesquisa sobre a biologia de animais selvagens, em especial os lobos.

Para Estés, as histórias de lobos “são como a história das mulheres, no que diz respeito à sua vivacidade e à sua labuta” (2018, p. 15-16). Ou seja, os lobos e as mulheres têm características e reputações semelhantes por compartilharem arquétipos instintivos e características psíquicas que se relacionam entre si. Ao longo dos séculos, as mulheres, assim como os lobos, foram perseguidas, tendo respondido selvagemmente às repressões. Contudo, o termo “selvagem” deve ser entendido em seu sentido original, de comunhão com a natureza, de força, intuição e coragem contra a domesticação.

Diante disso, este artigo busca analisar as imagens arquetípicas da Mulher Selvagem que dão forma à poesia de *Jardim de ossos* (2020). As narrativas recontadas por Estés, tais como *A boneca no bolso: Vasalisa, a sabida*; *La Loba, a Mulher-lobo* e *O Barba-azul*, descortinam a força destemida do feminino nas relações com o patriarcado, reiterando simbolismos e restituindo a voz da mulher ancestral.



## A POÉTICA DA MULHER SELVAGEM: INSTINTO E ANCESTRALIDADE

A poesia, compreendida como linguagem da subjetividade, oferece ao leitor “um extravasamento da alma e/ou emoções, um olhar reflexivo ou emotivo sobre o mundo, o homem, a vida” (CUNHA, 2012, p. 62). Dessa forma pensada, a poesia oferece “uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo” (ANTUNES, 2000, p. 2), pois pode trazer conteúdos, quer seja de modo direto ou por meio de símbolos que nos levam a compreensão de situações, sentimentos e experiências humanas diversas.

O poema e a poesia, envolvidos nessa compreensão, ora são definidos como sinônimos e ora são definidos como modos distintos. Ambos se relacionam intrinsecamente, o que dificulta distinguir de modo objetivo até que ponto trata-se da forma ou do conteúdo. O poema costuma ser caracterizado como um texto escrito em verso, porém o ensaísta Octávio Paz considera o poema não apenas uma forma literária, mas o “lugar de encontro entre a poesia e o homem” (1982, p. 17).

Contudo, a poesia é uma denominação do gênero lírico, assim como a produção de um poeta pode ser situada como “uma complexa substância imaterial, anterior ao poeta e independente do poema e da linguagem” (CUNHA, 2012), bem como uma condição da atividade humana, em uma tentativa de captação, apreensão e resgate através das palavras (LYRA, 1992, p. 6).

Nesse sentido, o processo de escrita de poemas, assim como o de leitura, são também processos de rememoração. Do mesmo modo, o fazer artístico, a escrita e contação de histórias celebram “as estações da alma” e são como “um mapa para aqueles que virão depois de nós” (ESTÉS, 2018, p. 28).

Contar e ouvir histórias vem hereditariamente daqueles que já se foram, é um ofício interligado através do tempo e do espaço, das vozes ancestrais. Desde os tempos antigos os seres humanos buscam através das histórias míticas sentidos para o mundo ao seu redor. São histórias que “evocam sentimento e imaginação e tocam temas que são parte da herança coletiva humana” (BOLEN, 1990, p. 18). Devido à ancestralidade, a interpretação de um mito resulta em novos alcances de compreensão da própria psique.

O estudo da psique humana envolve o seu lado inconsciente. Enquanto, o consciente é o que pode ser percebido e permanece na superfície, o inconsciente, segundo Jung, designa uma camada da mente humana onde se alojam “conteúdos reprimidos ou esquecidos” e que têm natureza “exclusivamente pessoal” e inata, chamado então de inconsciente pessoal, sendo ele constituído de complexos (JUNG, 2000, p. 15). Neles, estão os padrões centrais de memórias,



emoções, percepções e desejos do inconsciente que coexistem entre si e são ativados sem que o saibamos.

Segundo Jung (2000, p. 53), o inconsciente ficaria localizado sobre uma outra camada mais profunda, a do *inconsciente coletivo*; nela ficam os conteúdos e modos de comportamento universais, comuns a todos os indivíduos. Contudo, diferentemente do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo nunca esteve no campo da consciência e não foram adquiridos por experiências pessoais, mas hereditárias. Além disso, seu conteúdo é constituído de *arquétipos*, não de complexos.

Os arquétipos, na corrente junguiana, representam conteúdos inconscientes e determinadas formas de imagens simbólicas. Outra forma de sua expressão é através dos mitos e contos de fada, transmitidos por muito tempo ao longo da história (JUNG, 2000). Ou seja, os arquétipos são produtos da história. São resultados de milhares de experiências de diferentes gerações, que se acumulam formando um padrão de comportamento no inconsciente coletivo.

Com base em imagens arquetípicas, a analista junguiana estadunidense, Jean Bolen, em *As deusas e a mulher*, descreve uma nova perspectiva psicológica do feminino, relacionando imagens personificadas às deusas gregas da mitologia. Bolen defende a união entre os padrões mitológicos e a psicologia, a fim de explicar o modo como mulheres se comportam e como reagem aos conflitos nos relacionamentos. Para a autora, “os mitos e os contos de fada são expressões de arquétipos” e, por isso, as mulheres sofrem influências de arquétipos divinos em seu interior e de estereótipos culturais no exterior (BOLEN, 1990, p. 16-24).

Ainda que os estudos arquetípicos tenham se desenvolvido e evoluído ao longo do tempo, como é possível perceber no trabalho de Bolen, Estés considera a psicologia tradicional ainda “omissa quanto a questões mais profundas importantes para as mulheres: o aspecto arquetípico, o intuitivo, o sexual e o cíclico, as idades das mulheres, o jeito de ser mulher, a sabedoria da mulher, seu fogo criador” (ESTÉS, 2018, p. 18).

Em sua obra, *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*, Estés traz diversos contos e lendas de diferentes origens e tempos. A partir dos contos apresentados em cada capítulo, a autora analisa e reflete sobre o arquétipo da Mulher Selvagem, questionando os temas acerca da feminilidade, da natureza selvagem feminina, e da força contida dentro de cada mulher.

O arquétipo da Mulher Selvagem, bem como tudo o que está por trás dele, é o benfeitor de todas as pintoras, escritoras, escultoras, dançarinas, pensadoras, rezadeiras, de todas as que procuram e as que encontram, pois elas todas se



dedicam a inventar, e essa é a principal ocupação da Mulher Selvagem (ESTÉS, 2018, p. 26).

Presente na origem do feminino, esse arquétipo é representado pela imagem da loba selvagem. Pronta para uivar e se defender, a loba está dentro de todas as mulheres, porém pode ter um vínculo mais forte com algumas e com outras mais enfraquecido. A Mulher Selvagem pode ser entendida como a natureza básica e inata. As duas palavras, *mulher* e *selvagem*, “criam uma imagem para descrever a força que sustenta todas as fêmeas. Elas encarnam uma força sem a qual as mulheres não podem viver” (ESTÉS, 2018, p. 21).

O arquétipo da mulher selvagem, além de coragem instintiva, também significa saúde, autoestima e cuidado. Quando esse vínculo é enfraquecido “seus instintos e ciclos naturais são perdidos, em virtude de uma subordinação à cultura, ao intelecto ou ao ego — dela própria ou de outros” (ESTÉS, 2018, p. 22). O sentimento é de desolação, pois, de acordo com a psicologia arquetípica, a mulher selvagem é a alma feminina, a origem do feminino e a origem de tudo o que for instintivo.

A poesia de Marli Walker, em *Jardim de ossos*, revela através da vazão de seu inconsciente a força da mulher guerreira, o despertar da loba adormecida. Seus versos, metaforizados no título, são o jardim de poesia que vem à tona, feito um desabafo. São forças opostas que orientam a expressão lírica: o estranhamento de si mesma e o autorreconhecimento de sua força instintiva. São os ossos e as flores de sua ancestralidade e de sua realidade. O estranhamento pode se dar nas ações, que deveriam parecer rotineiras, mas ocasionam o choque e geram o conflito de não se reconhecer naquela atitude, como exemplifica o poema “Funeral”:

funeral

quando menina (quase adolescendo)  
designaram-me a tarefa de matar

a galinha escolhida deveria ser morta,  
escaldada, depenada, e destruçãda  
(crescer no interior exige  
disposição para certos rituais)

ao final, restos mortais na travessa  
aguardando os devidos temperos  
e o apetite do pequeno bando  
(cada membro da família  
guardava predileção por  
um membro da galinha)



eu, sozinha a um canto da mesa,  
engolia em seco o gosto do espanto  
o olhar aflito da ave  
o bico semiaberto  
um leve fremir de asas

(um assassinato premeditado requer  
alguma frieza que eu ainda não tinha)

ontem, sobre a mesa da cozinha,  
estranglei um amor  
(há sempre algum espanto  
na execução de certas tarefas)  
(WALKER, 2020, p. 16)

O poema narra a história de uma menina que recebe a missão de matar uma galinha para a refeição da família e depois presenciar o ritual que envolve o pós-morte do animal. Contudo, esta tarefa, que poderia ser banal, ocasiona o espanto, sela a ruptura com sua infância. Do mesmo modo, o conto russo *A boneca no bolso: Vasalisa, a sabida*, de Estés (2019, p. 91), marca a iniciação de uma mulher e a despedida da pureza da infância.

*Vasalisa* narra a “história da transmissão da bênção, poder da intuição das mulheres de mãe para filha, de uma geração para a outra” (ESTÉS, 2018, p. 98), representada pela boneca. É uma história que revela o despertar da consciência da menina que se vê em uma situação de amadurecimento, assim como no poema “Funeral”, de Walker (2020). No conto, o processo de iniciação da mulher começa quando a mãe boa e amada morre e no poema começa com a difícil tarefa imposta à menina que é matar uma galinha.

A morte da mãe de Vasalisa, a mãe-boa-demais da psique, simboliza a ruptura com a infância e a inocência. No poema, esse momento pode ser presenciado na ordem anunciada: “quando menina (quase adolescendo)/designaram-me a tarefa de matar” (WALKER, 2020, p. 16):

a galinha escolhida deveria ser morta,  
escaldada, depenada, e destroçada  
(crescer no interior exige  
disposição para certos rituais)  
(WALKER, 2020, p. 16).

A iniciação delas começa a partir do momento em que aprendem a “deixar morrer o que precisa morrer” (ESTÉS, 2018, p. 100), o que é uma tarefa difícil e sofrida, mas necessária para o processo de iniciação. No poema, a imagem do ritual que se forma, a de uma morte premeditada e friamente pensada causa o estranhamento momentâneo, para depois vir a



descoberta, revelada no verso: “ontem, sobre a mesa da cozinha,/ estrangulei um amor/(há sempre algum espanto/na execução de certas tarefas)” (WALKER, 2020, p. 16-17). Nesses versos, o arquétipo da selvagem se fortalece na morte da “mãe-boa-demais”, morte necessária, pois seus valores protetores impedem a mulher de atingir um desenvolvimento mais profundo da intuição.

A morte também representa o início de um novo ciclo. Para isso, “há, uma mãe selvagem à espera para nos ensinar”. Nesse sentido, o arquétipo da selvagem mostra a instrução, a força instintiva e orientadora que ensina o que deve ser feito, ainda que seja necessário sofrer para aprender, pois “embora a doçura tenha condição de se adaptar ao mundo selvagem, o mundo selvagem não consegue ficar muito tempo restrito aos limites da doçura” (ESTÉS, 2018, p. 102-125). É preciso estar em sintonia com o arquétipo da Mulher Selvagem para que essa não permita que a reprimam, para que não permita que silenciem suas opiniões, valores e ideais.

Além do processo de passagem da infância para a vida adulta, do processo de iniciação à Mulher Selvagem, a ancestralidade feminina é outra questão importante para os estudos dos arquétipos do feminino. No livro *Jardim de Ossos*, logo nas primeiras páginas, Walker traz imagens da ancestralidade feminina, a força transmitida de mulheres para mulheres, em seu poema “Primitiva”:

primitiva

meus ossos minerais  
carregam várias mulheres  
sinto-as todas  
(antigas e constantes)  
sobre a coluna cervical

(agente firme, diz uma tia-avó  
é melhor não se envolver, diz outra)

são tantas mulheres  
em meus ossos paleolíticos  
tantos detritos  
tantas noites em claro  
tantos partos e perdas  
o leite empedrado no seio  
de todas elas em mim

no fundo escuro da caverna  
eu (primitiva e extenuada)  
ainda afago os cabelos  
de minha bisavó  
(e às vezes choro um pouco)  
(WALKER, 2020, p. 14)



A imagem dos “ossos minerais” se faz metonímica para dizer das muitas mulheres que compõem o seu ser feminino. A maternidade é lembrada como parte significativa dessa composição, na imagem do leite empedrado no seio e das noites em claro velando pelo filho. A mulher selvagem deve auxiliar essa mãe a superar as imposições da sociedade patriarcal em que vivemos, a ultrapassar as barreiras do silêncio. Quando todos os olhos estão sobre o bebê, quem enxerga os detritos, a exaustão, a dor e a fadiga são as outras mulheres, suas ancestrais, que se reconhecem naquele momento. São nelas que o eu lírico encontra apoio, são sua coluna cervical. Essa ancestralidade da mulher materna pode ser reconhecida no conto “La Loba”, recontado por Estés.

*La Loba* é um conto de ressurreição da alma, de força, do vínculo com a Mulher Selvagem. A mulher velha, chamada *La Loba* (2018, p. 41), recolhe e conserva ossos, por isso, a caverna onde vive é cheia de ossos de todos os tipos de criaturas. Quando ela consegue reunir todos os ossos e formar um esqueleto completo, *La Loba* se ergue sobre o esqueleto e canta até que a criatura comece a ganhar vida, transformando-se em uma mulher que ri e corre livre em direção ao horizonte.

Assim como *La Loba*, o sujeito lírico feminino recebe sua força por meio dos ossos que sustenta: “meus ossos minerais/carregam várias mulheres/sinto-as todas/(antigas e constantes)/sobre a coluna cervical” (WALKER, 2020, p. 14). Ao manter esta relação ancestral, metaforizada nos ossos, a mulher se ergue e se renova como a alma do eu lírico. Na psicologia arquetípica, os ossos simbolizam força e nas histórias representam alma/espírito indestrutível. Em sua alma, ela carrega a tradição, os ensinamentos e o apoio de suas ancestrais. Essas mulheres estão sobre sua coluna cervical, pois são o que sustenta seu ser enquanto mulher, formando *La Loba*.

A velha *La Loba* é também a “quintessência da mulher de dois milhões de anos. Ela é a Mulher Selvagem original [...] que vive dentro de nós e nos transcende; nós somos cercadas por ela” (ESTÉS, 2018, p. 48). Em cada mulher, permanecem vivas memórias ancestrais de tantas mulheres que a formaram, compondo sua própria natureza, anseios e instintos, protegidos por *La Loba*.

O estado de espírito é a expressão da alma, da relação com a Mulher Selvagem. Se algum pedaço dos ossos se perder, estaremos em conflito com nosso arquétipo; quando isso acontece, é nossa responsabilidade recuperar os pedaços da ancestralidade. Nos versos “no fundo escuro da caverna/eu (primitiva e extenuada)/ainda afago os cabelos/de minha bisavó/(e às vezes choro um pouco)” (WALKER, 2020, p. 14), é



possível perceber o estado de esgotamento em que o eu lírico se encontra. Em um estado psíquico de sofrimento, reclusa no fundo da caverna, ela se apoia em suas ancestrais, representadas pelas figuras femininas do poema.

De acordo com Estés (2018), muitas mulheres passam por vidas desérticas, ínfimas na superfície, tendo sufocada a profundidade de seu interior por quaisquer que sejam os motivos. Contudo, as mulheres, assim como os lobos são selvagens e não podem sobreviver em qualquer lugar onde não estejam livres para correr. O canto de *La Loba* sobre os ossos simboliza a revitalização da alma. Pode ser uma tarefa demorada e penosa, mas se confiarem e ouvirem as ancestrais, a Mulher Selvagem, sempre será possível a toda mulher encontrar a canção certa para se reerguer, como no conto.

Diferente do poema *Primitiva*, em que o eu lírico se abre sobre seus ossos e detritos, que expõe sua fragilidade, “loba” é um poema que traz a natureza selvagem das mulheres em sua forma preservada, de forte natureza instintiva, com a alma/essência equilibrada com seu inconsciente selvagem.

loba  
  
como quem tange  
ao longe  
a ovelha desgarrada  
  
eu te chamo  
  
como quem vigia  
ao longe  
o enredo da emboscada  
  
eu te espreito  
  
como quem cerca  
e cinge e aquece  
eu te guardo  
  
e ardo  
  
em teu destino  
(WALKER, 2020, p. 60)

Ao contrário de *Vasalisa*, a loba do poema já é uma mulher completamente iniciada. Seus instintos estão alinhados, ela já emergiu da ingenuidade. Deixou que a “mãe-boa-demais” morresse e recebeu de braços abertos a mãe-selvagem. A figura da mulher personificada pela loba remete à criatura-loba-mulher que voltou a vida pelas mãos de *La Loba*. Já passou pelas



provações e aprendeu a lição. Ela é impetuosa, livre e sabe identificar os perigos, sabe agir quando chega a hora de atacar para a autopreservação. Assim é a Mulher Selvagem. A loba do poema está em um estado psíquico diferente da protagonista do conto do Barba-azul, representada pela irmã mais nova.

O conto do Barba-azul fala do despertar da ingenuidade, da iniciação da mulher à natureza selvagem, que é parte essencial de sua individualização. Ele é “um homem sinistro que habita a psique de todas as mulheres, o predador inato” que deseja “encher-se de ódio e extinguir as luzes da psique” (ESTÉS, 2018, p. 59-60). Tanto os lobos quanto os humanos devem aprender sobre a existência dos predadores. Em “Loba”, os versos de Walker “como quem tange/ao longe/a ovelha desgarrada/eu te chamo” trazem essa questão. A irmã mais nova do conto é ingênua e ignorante quanto a esse aspecto de sua própria psique, assim como a ovelha desgarrada no poema é alheia aos perigos.

A irmã mais nova deixou a “mãe-boia-demais” morrer muito tarde, por isso não reconheceu e não ouviu seus instintos, diferentemente das irmãs. É o roteiro humano da mulher ingênua, guiada pela ilusão que traz sempre um grande perigo a todas as mulheres. Tanto a mulher mais jovem que não passou pela iniciação, quanto a mais velha que “está tão isolada de seu aspecto selvagem que mal chega a ouvir os avisos do seu íntimo, ela também segue em frente com um sorriso ingênuo” (ESTÉS, 2018, p. 62).

Desde a infância as meninas são condicionadas a acreditar no ideal romântico salvador, a aceitação do casamento com o monstro é normalizado e incentivado nos contos de fadas, como em *A bela e a fera* e *A princesa e o sapo*, em que se espera que o monstro se transforme em príncipe ao final da história.

O silenciamento e a educação que as mulheres receberam e recebem continuamente da sociedade patriarcal leva ao esquecimento de seus instintos, tornando-as indefesas, sem conseguir reconhecer os perigos de dentro e de fora de sua psique. Já a loba do poema tem conhecimento de sua existência e sabe reconhecer seus instintos, como mostram os versos: “como quem vigia/ao longe/o enredo da emboscada/eu te espreito”.

Vigiar e reconhecer a ameaça do predador demonstra a força da natureza instintiva. Nesse sentido, o ato de espreitar e observar são característicos da natureza curiosa feminina e deve ser alimentado e preservado; assim como no conto de Vasalisa em que a intuição representada pela boneca era alimentada, cultivada.

Ao pressentir o perigo, a loba ouve sua intuição e age, como percebemos nas estrofes: “como quem cerca/e cinge e aquece/eu te guardo/e ardo/em teu destino”. Os versos do poema sintetizam o que afirma Estés:



quando uma mulher é forte em sua natureza instintiva, ela reconhece por instinto o predador inato pelo cheiro, pela aparência, pelos ruídos... ela prevê sua presença, ouve sua aproximação e toma medidas para afastá-lo (ESTÉS, 2018, p. 89).

A mulher se religa ao arquétipo da Mulher Selvagem para resgatar sua força instintiva e, desse modo, garantir sua verdadeira liberdade, desarmando o predador; enfrentando os desafios que a sociedade patriarcal poderá lhe impor.

Por isso, o conto do Barba-azul, segundo Estés (2018), tem muito significado simbólico para as mulheres, pois a Mulher Selvagem se faz presente para contrabalancear a destruição causada por ele. O conto é relevante tanto para as que estão sendo iniciadas, quanto para aquelas que nunca passaram pelo ritual. Assim como é relevante para as mulheres que estão afastadas de sua natureza selvagem e para as que estão em plena comunhão com a Mulher Selvagem, como a loba do poema de Walker, se lembrem de sempre cultivar esse vínculo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética de Marli Walker destaca-se no cenário das literaturas produzidas em Mato Grosso, ao apresentar um discurso de emancipação e de construção de uma identidade feminina. Em *Jardim de ossos* (2020), a autora dá voz a uma mulher arquetípica, originária de tantas outras vozes que a antecederam e que foram silenciadas pelo patriarcado.

Acordadas pelo inconsciente, essas vozes representam a mulher em suas diferentes situações de vida, em família e nos relacionamentos, elegendo temas referentes às complexidades da vida. A imagem poética, ainda que não assuma uma função narrativa, traz histórias; revela momentos congelados na memória, descortinando experiências difíceis de narrar ou resumir e que podem ser reconhecidas nos contos de Estés. Suas narrativas simbólicas trazem figuras femininas arquetípicas que tornam possíveis interpretar experiências sexuais, amorosas, religiosas, em fases de provações e amadurecimento da mulher, com na formação da psicologia analítica e arquetípica.

A psicanalista junguiana compara as mulheres a animais selvagens, como a loba, devido às características relacionadas à vivacidade e à força instintiva. Compartilhando de arquétipos semelhantes, mulher e loba respondem de modo selvagem às repressões, permanecendo em estado de comunhão com a natureza, cultivando sua força e compreendendo sua intuição. Dessa



forma, podem escapar das imposições e domesticação de uma sociedade governada pelo universo masculino.

A poética de Marli Walker se opõe a esse universo patriarcal e nos convida para o encontro com a subjetividade feminina, oferecendo ao leitor, não somente o extravasamento de emoções de sua condição lírica, mas, sobretudo, um olhar reflexivo e inquiridor que perscruta as forças instintivas que podem compor a psique de cada mulher.

O arquétipo da selvagem propicia a compreensão da mulher, ou das mulheres, possíveis de serem reconhecidas nos poemas de Walker. A alma feminina se apresenta como selvagem, com sua força da mulher guerreira, que despertou da loba adormecida.

Do espanto da consciência da morte e do amor perdido, o eu lírico atravessa uma etapa para a iniciação de uma mulher e a despedida da pureza da infância. Assim como no conto *Vasalisa* que narra a transmissão de uma geração para a outra, como herança ancestral representada pela morte da “mãe-boa-demais da psique”, no poema “funeral” também é preciso ver morrer o lado de inocência para dar lugar ao amadurecimento. A iniciação, portanto, só ocorrerá quando se deixa morrer o que é preciso morrer.

A mãe selvagem instrui para o que deve ser feito, para os rompimentos necessários, ainda que sejam sofridos. O arquétipo da mulher selvagem ensina que não é possível permanecer passiva e dócil, sem se debater pela sobrevivência como indivíduo livre e em transformação.

A ancestralidade feminina, em *Jardim de Ossos*, é representada pela força inconsciente que move mulheres e as orienta. Na imagem metonímica dos “ossos minerais” estão representadas as muitas mulheres que compõem o arquétipo do feminino. O conto *La Loba* traz a figura arquetípica da velha senhora, detentora do saber e da união das forças. É ela quem recolhe os ossos de seus antepassados e os guarda para compor a selvagem originária.

Os “ossos minerais” figuram a expressão lírica da mulher selvagem, aquela que “carrega várias mulheres” sobre sua “coluna cervical” (WALKER, 2020, p. 14). Essa ancestralidade, simbolizada nos “ossos”, garante a força da alma feminina; faz reviver o arquétipo da velha *La Loba*, “quintessência da mulher” (ESTÉS, 2018, p. 48). Por isso, a loba é chamada e espreitada pelo eu lírico, que sente a necessidade de reviver seu arquétipo, dando forma ao instinto na figura do animal selvagem. A loba-mulher é sábia e livre; ensina a pressentir os perigos e a se proteger dos espíritos predadores, da figura do homem predador inato que habita e amedronta a psique feminina.

Ser mulher selvagem é ser resistência. Dentro de cada uma está toda a força de suas ancestrais, uma sobre os ombros das outras, como uma



pirâmide que se ergue e se sustenta. Durante o percurso da vida, a mulher cultiva um jardim de ossos com seus medos, anseios e conquistas.

Mesmo na psique da mulher submissa, *La Loba* estará sempre pronta para recolher os ossos, para reerguer, como na intertextualidade presente entre ela e o poema “primitiva”. Walker (2020, p. 78) se recusa a calar: “mas não morrerei engasgada/ com pedaço de osso/ atravessado na glote”, pois acredita que “não é digno uma mulher/ morrer sufocada”. A verdade instintiva de cada mulher se manifesta em cada uma delas, como a sabedoria ancestral.

*Jardim de ossos* (2020) reúne poemas, que mostram metaforicamente o “ser mulher”, a intimidade e as sutilezas da Mulher em diferentes estados da psique: da ruptura com a infância; da necessidade de crescer; da iniciação e da descoberta de sua força. Todas as mulheres nascem livres para correr com os lobos, libertas do fundo de cavernas, livres da repressão de Barbas-Azuis. A sociedade patriarcal tentou por séculos silenciá-las, subjogá-las e submetê-las a suas regras e ideologias, porém na arte, assim como no inconsciente, a mulher dá vazão ao seu instinto de liberdade, revitalizado pelo arquétipo da Mulher Selvagem. A poética de Walker, em sintonia com a psicologia analítica de Estés, mergulha fundo na ancestralidade para emergir de modo consciente, reconhecendo seus limites e sua força para ultrapassá-los.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Arnaldo. Sobre a origem da poesia. 2000. In: MOREAU, Gisela. **Poemas para dançarmos**. São Paulo, 2000.
- BASSOLS, Miquel. O inconsciente feminino e a ciência. **Revista Lacan XXI**, 2016.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.
- CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 1996.
- CUNHA, Leo. **Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas**. Curitiba: Piá, 2012.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- JUNG, Carl Gustav. **Estudos Experimentais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LYRA, Pedro. **Conceito de poesia**. São Paulo: Ática, 1992. Série Princípios.



MARTINS, Camila Alves. **Faces do Feminino Sagrado**: o arquétipo da mulher selvagem. Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião – Universidade Católica de Goiás, 2006.

MORAES, Julia Ribeiro Melo de; ASSUNÇÃO, Laura Farage. **O arquétipo da Mulher Selvagem**: uma representação visual. 2017. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WALKER, Marli. **Jardim de Ossos**. 1. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial: 2020.

WALKER, Marli. **Mulheres silenciadas e vozes esquecidas**: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso. Carlini & Caniato Editorial, 2021.

ZANIN, Michelle. **Poesia contemporânea brasileira**. Disponível em: <<https://www.revistaacademicaonline.com/news/poesia-contemporanea-brasileira-por-michelle-zanin/>> Acesso em: 30 mai. 2020.